

CONCURSO de
ESTUDIANTEs

EL DISPOSITIVO PSICOANALÍTICO INTERPELADO: DESBORDES Y NEOGÉNESIS

O DISPOSITIVO PSICANALÍTICO INTERPELADO:
TRANSBORDAMENTOS E NEOGÊNESE

THE PSYCHOANALYTIC DEVICE QUESTIONED:
OVERFLOWS AND NEOGENESIS

Rodrigo Civetta
Asociación Argentina de Psiquiatría
y Psicología de la Infancia y la Adolescencia
ORCID: 0009-0004-1004-6309
Correo electrónico: rodrigocivetta90@gmail.com

Fecha de recepción:08-03-2025
Fecha de aceptación:23-04-2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Civetta R. (2025) EL DISPOSITIVO PSICOANALÍTICO INTERPELADO:
DESBORDES Y NEOGÉNESIS

Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.13
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

O DISPOSITIVO PSICANALÍTICO INTERPELADO: TRANSBORDAMENTOS E NEOGÊNESE

Trabalho que obteve Menção Honrosa no Concurso de Estudantes Jorge Rosa 2023

Rodrigo Civetta¹

1 Psicólogo (UNR, Argentina). Psicanalista. Pós-graduação em Clínica Psicanalítica da Infância e da Adolescência (ASAPPIA, Argentina). Pós-graduação de Atualização em Psicanálise e Gênero (Universidade John F. Kennedy, Argentina). Participou da Subcomissão de Gênero e Diversidade Sexual do Colégio de Psicólogos de Neuquén Distrito I e da Rede de Psicólogxs Feministas Regional Neuquén. Trabalha na prática clínica no campo de patologias graves com Infâncias e Adolescências desde 2017 e aborda as problemáticas de Gênero Diversidade Sexual desde 2019. Escreve artigos e ensaios científicos desde 2023. Recebeu a Menção Honrosa no Concurso Dr. Jorge Rosa no XII Congresso FLAPPSIP. Sua última publicação foi: "Sobre a inscrição da diferença no aparelho psíquico: a diferença sexual anatômica é o único e necessário elemento ordenador?" (Nota da Tradutora: tradução livre) (2024) em Revista Intercambio Psicoanalítico.

I. Transbordamentos atuais sim, mas...

Quando falamos em termos gerais de *transbordamento*, geralmente enfatizamos as crises, os episódios de desorganização, descargas massivas do afeto por meio do discurso ou atuações naqueles que procuram atendimento. São momentos que colocam à prova as capacidades de ligação, representação e simbolização do Eu. Situações-limite para nossos pacientes, mas que também podem resultar em acontecimentos que testam nossa escuta, teorização flutuante e potencial simbolizante como analistas.

Diante desses transbordamentos, de que leituras, conceitos e recursos clínicos dispomos? O que pensamos a respeito dos modos psicopatológicos atuais? As teorizações herdadas nos são suficientes? São o divã, a associação livre e a atenção flutuante recursos que poderíamos aplicar forçosamente no exercício clínico cotidiano? Ou é um contexto que requer que nos disponhamos a rever, a repensar alguns elementos do dispositivo psicanalítico?

Sabemos que existem os *transbordamentos* na clínica, mas seria necessário situar que poderia haver um transbordamento no dispositivo psicanalítico clássico em dois sentidos:

Em nível diagnóstico: A nosografia proposta por Lacan (1966; 1981) a respeito da tripartição de estruturas em neurose, psicose e perversão em função da inscrição ou não do significante Nome do Pai, com uma concepção de estrutura como invariável, fechada e que, portanto, define a priori os limites do possível em termos de potencialidades do sujeito psíquico, sem possibilidade de gênese de tecido psíquico que não seja nesses momentos míticos fundantes.

Em nível clínico: A proposta de desvelamento do sentido inconsciente dos sintomas por meio da atenção flutuante e da associação livre como prática privilegiada nas neuroses ou a função do analista como secretário do alienado no trabalho com as psicoses como modos de atuar clinicamente, embora tenham sido formas de fazer avançar a clínica psicanalítica em direção a tratamentos possíveis do sofrimento psíquico, nos deixam com recursos teóricos e clínicos limitados na hora de intervir nos modos psicopatológicos atuais.

A partir da experiência clínica e da formação de pós-graduação, o presente trabalho propõe reflexões e propostas sobre os transbordamentos no espaço psicanalítico clássico, entendendo por teoria clássica as propostas por Freud e por Lacan, sem revisões teóricas de seus fundamentos.

Conceitos que foram desenvolvidos por Silvia Bleichmar, como dominância estrutural, heterogeneidade da simbolização, intervenções simbolizantes e neogênese, que oferecem ao diagnóstico e ao trabalho terapêutico uma contribuição inestimável em relação à temática proposta, serviram para pensar outras formas do dispositivo analítico e suas potencialidades na hora de lidar com o sofrimento psíquico e suas expressões psicopatológicas atuais.

II. Atualidade e psicopatologia

Sob quais coordenadas operam os modos de produção de subjetividade (Bleichmar, 2006) na atualidade e que repercussões têm na estruturação psíquica? Como é possível que nos deparemos com uma grande quantidade de crianças e adolescentes com falhas parciais ou severas na constituição da tópica psíquica? Ou com tantos pais e mães desorientados a respeito de suas funções de sustentação, cuidado e narcisização enquanto adultos responsáveis? Nos bastam, neste contexto, a associação livre e a interpretação, ou uma nosografia fechada e tripartida da estruturação psíquica para acolher e intervir sobre o sofrimento que escutamos?

Poderíamos dizer que esse transbordamento no dispositivo psicanalítico clássico seria precipitado por uma atualidade com certas coordenadas que impactam na produção de subjetividade e que, por sua vez, têm incidência nos déficits ou fracassos da constituição do psiquismo. A vertiginosidade dos tempos atuais, articulada com o impulso neoliberal à atuação e ao consequente dismantelamento do aparelho do pensamento e dos tempos reflexivos; as recorrentes e aprofundadas crises socio político-econômicas em nosso país tiveram como consequência a queda da promessa intergeracional de que um futuro melhor é possível e, com isso, uma perda da esperança que nos deixa na paralisia ou na melancolização; a virtualidade e seus múltiplos, dinâmicos e compulsivos usos aditivos com o excesso de informações e estímulos concomitantes; a propagação dos consumos problemáticos articulados ao vazio representacional, ao excesso desagregador e ao desamparo psíquico; as instituições degradadas em sua legitimidade e funções que deixam o sujeito em situação de desamparo; somado aos efeitos psíquicos do traumatismo social gerado pela pandemia da COVID-19 são algumas das coordenadas atuais que nos fazem incursionar em uma clínica com outros sujeitos que não são os da Europa burguesa do final do século XIX ou de metade do século XX.

De modo que *escutar os transbordamentos* no dispositivo psicanalítico acarretaria um trabalho. Um trabalho de revisão, de recomposição e de produção de algo novo, de uma *neogênese*. Não porque seja caduco e deva ser substituído, já que evidentemente continuamos encontrando sujeitos subjetivados e constituídos em termos clássicos, ou mesmo no trabalho com sujeitos com patologias graves é possível ter sessões (ou momentos da sessão) onde haja escuta e/ou intervenções clássicas. Mas porque, além desses sujeitos com os quais a psicanálise trabalha tão confortavelmente,

há também toda uma pluralidade do sofrimento psíquico e sua expressão psicopatológica que requer que nos dediquemos a pensar outras conceitualizações e ferramentas para acolhê-lo e trabalhar clínica e eticamente de forma adequada. Seguindo Silvia Bleichmar (2006):

Se assumir uma herança acarreta trabalhar para merecê-la, não é tarefa menor separar dela o que é inútil, o que impede sua implementação plena, sabendo que quem nos legou tentou nos dar o melhor, mas não pôde deixar de conceber o melhor nos termos da época em que teve de viver e da história que o marcou. Na necessária combinação entre filiação – que sempre se estabelece com base no amor – e a capacidade crítica – que não implica destruição, mas sim desconstrução – reside o futuro de toda herança. (p. 11)

III. Novas propostas, novos horizontes

A partir das contribuições de Silvia Bleichmar (1993), é possível pensar a constituição do psiquismo a partir da intervenção dos outros primordiais – e não necessariamente pai e mãe, mas do semelhante – em termos de uma humanização da cria humana, que surge da implantação da sexualidade e do narcisismo transvasante, das propostas identificatórias por parte dos adultos, do atravessamento dos próprios adultos por suas repressões, que servirão de contra investimento para a instalação da repressão originária, do atravessamento do Édipo e da castração (em termos de falta ontológica), e da inscrição de normas morais e valores ideais, em diferentes tempos constitutivos.

A autora convida a pensar o aparelho psíquico como estratificado, aberto ao real e em constantes intercâmbios, funcionando sob *dominância estrutural* psicótica ou neurótica, *atravessado por diferentes correntes anímicas* e não como uma estrutura fechada sem possibilidade de novas gêneses em outro tempo diferente do constitutivo. Propõe-se um aparelho psíquico cuja materialidade é *heterogênea*: há heterogeneidade na simbolização. E nem todos os elementos do psiquismo são linguageiros. Uma conceitualização vital, pois a clínica psicanalítica não teria unicamente como tarefa privilegiada escutar os significantes à espera do surgimento da verdade do sujeito, mas também realizar intervenções que gerem tecido psíquico, fazer trabalhos de ligação com elementos traumáticos que provocam curtos-circuitos no psiquismo, acompanhar a organização do pensamento, a geração de fantasmagorias, oferecer outras representações que sirvam de material psíquico para os novos contextos, rearticular a tópica psíquica em caso de colapso narcísico ou desmantelamento, reinstalar e sustentar as lógicas estruturantes do pré-consciente em termos de eu-não eu, presença-ausência, dentro-fora, falo-castração ou, inclusive, veicular momentos fundantes da constituição do psiquismo no trabalho com infâncias.

Dessa forma, o trabalho com as dominâncias estruturais não se reduz a um diagnóstico em que determinado significante operou ou não, mas a cura poderia implicar “[...] a proposta de uma *neogênese*: como movimento que, na prática, não se limita a recuperar o já existente, mas que tenta gerar novas condições de simbolização, abrir novas possibilidades de vida” (Bleichmar, 1999, p. 12), mediante *intervenções simbolizantes*.

Com relação à cura, as intervenções simbolizantes permitem transformar a quantidade em qualidade (Bleichmar, 2020). Mas também há elementos qualitativos que só provêm de outros elementos qualitativos. Segundo a autora: “Por exemplo, o eu não pode ser produzido senão sob os modos do transvasamento narcísico” (p. 108). Portanto, não haveria apenas intervenções simbolizantes, mas também um sustento narcísico e um transvasamento narcísico a partir da transferência, que auxiliaria na instalação tópica do Eu e da repressão originária no trabalho com infâncias, ou que funcionaria como suporte ao Eu de sujeitos com severas desorganizações ou transtornos *borderline*. A transferência e a contratransferência também são elementos potentes na hora de pensar as intervenções e como operar em um contexto em que o paciente que se senta à nossa frente não deposita necessariamente nem confortavelmente saber em nós e começa a falar do seu mal-estar. Marina Calvo (2017) assinala:

Falar de psicanálise ‘de fronteira’ implica uma forma de denominar essa clínica realizada em ocasião de transtornos precoces em crianças ou frente a processos não neuróticos em sujeitos já constituídos, que requerem novas ferramentas de intervenção. Ali, onde interpretações, apontamentos ou construções encontram um limite, as simbolizações de transição oferecem vias de resolução da tensão psíquica e do sofrimento concomitante.

Necessárias diante do surgimento de transtornos que não resultam da relação conflitiva entre desejo e defesa, que não remetem a fantasmas, as intervenções simbolizantes visam a uma reorganização do psíquico. (p. 14)

IV. Pontos de partida ou pontos de chegada?

O modelo metapsicológico proposto por Bleichmar e pelos autores que continuaram aprofundando seus desenvolvimentos permitiu encontrar outras formas de pensar e intervir clinicamente, mais coerentes com perguntas e reflexões próprias, mas fundamentalmente coloca no centro uma tentativa de entendimento do sofrimento psíquico que tem como base uma ética do semelhante. Os conceitos de dominância estrutural, heterogeneidade da simbolização, intervenções simbolizantes e neogênese abrem outras vias possíveis para o tratamento do sofrimento psíquico daqueles que nos procuram e que desafiam as nomenclaturas e nosografias herdadas. Consequentemente, permitem trabalhar com maior consistência teórico-clínica e acolher os novos modos de apresentação clínica do sofrimento que transbordam o dispositivo psicanalítico clássico.

Ficar apenas com uma clínica baseada nas produções do inconsciente reduz nossa possibilidade de escuta, de pensamento e de potencialidade de intervenção. O sujeito psíquico, subjetivado de acordo com funcionamentos institucionais estáveis e patriarcais, com garantia de acesso à satisfação das condições materiais de existência, com ritmos mais lentos e sem virtualidade, não é o sujeito psíquico com o qual necessariamente nos deparamos hoje. Pensando sempre em uma prática situada, enraizada e enquadrada em um contexto sociocultural e histórico, as mudanças nos modos de produção de subjetividade teriam gerado grandes déficits de narcisização e de capacidade simbolizante. Hoje nos deparamos com infâncias, adolescências e adultos aos quais é necessário acompanhar ativamente na geração do que não pôde ser produzido em outros tempos, na qualificação dos afetos e na ligação e articulação simbólica diante de tanto excesso proveniente do exterior, intrusivo e desarticulador. O sujeito psíquico com um inconsciente funcionando e produzindo sintomas e formações, normótico, em várias ocasiões é mais um ponto de chegada do que um ponto de partida.

Referências bibliográficas

- BLEICHMAR, S. (1993). *La fundación de lo inconsciente: destinos de pulsión, destinos del sujeto*. Amorrortu.
- BLEICHMAR, S. (1999). *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Amorrortu.
- BLEICHMAR, S. (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Paidós.
- BLEICHMAR, S. (2020). *El psicoanálisis en debate. Diálogos con la historia, el lenguaje y la biología*. Paidós.
- CALVO, M. (2017). Algunas consecuencias teórico-clínicas de la experiencia del exilio: del mito a la historia, el lugar del traumatismo. *Revista Aperturas Psicoanalíticas*, (54). <https://aperturas.org/articulo.php?articulo=0000965&a=Algunas-consecuencias-teorico-clinicas-de-la-experiencia-del-exilio-del-mito-a-la-historia-el-lugar-del-traumatismo>
- LACAN, J. (1966). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. Em *Escritos II* (pp. 509-557). Siglo Veintiuno.
- LACAN, J. (1981). *El Seminario de Jacques Lacan, libro 3. Las psicosis 1955-1956*. Paidós.